

O NUMISMATA DR. MIRABEAU

POR LUÍS PINTO GARCIA

Já não me recordo bem como e quando tomei conhecimento com o Dr. Mirabeau. Sei apenas que nos ficaram ligando, desde o nosso primeiro encontro, fortes e indissolúveis laços de amizade, robustecidos pelas, para mim valiosas, palestras na antiga Casa Almeida, Limitada e na sua residência, à Rua Presidente Arriaga, e por ininterrupta correspondência durante anos.

Cultivámos a Numismática com tal espírito de camaradagem que chegámos a esquecer que nos separavam 50 anos! A sua morte, ocorrida em 6 de Agosto de 1940 (já lá vão 12 anos!), fechou impiedosamente o ciclo das nossas amistosas relações. À sua veneranda memória presto sempre homenagem quando relembro as suas prelecções magistrais e as suas palavras de estímulo e quando releio as suas cartas, pletóricas de ensinamentos, e onde ainda vou, por vezes, buscar lições de cultura numismológica.

*

Por rara felicidade fiquei possuidor dum artigo original seu que envolve estudo sério sobre dois períodos confusos da história numismática portuguesa — D. Fernando e D. João I — a que se devotou apaixonadamente.

Recordo-me ainda com que entusiasmo o Dr. Mirabeau se exprimia quando soia aparecer qualquer exemplar fernandino ou do soberano de Boa Memória único ou raro, mesmo que não fosse aquisição sua. Acarinhava-o e enchia de desvelados cuidados o seu estudo e, o exemplar em questão, era objecto diário e obrigatório da conversa, durante uns tempos, com os numismatas que tinham a sorte feliz de frequentar a sua

tertúlia. A moeda, que o acaso fizera surgir, inundava-o de tão grande alegria, e emprestava-lhe tal dose de saúde, que mais se assemelhava a rara panaceia! Dir-se-ia que rejuvenescia, e a sua alegria patenteava-se de maneira tão exuberante que os seus verdadeiros amigos se achavam felizes e alegres só por o verem tomado de tais eufória e entusiasmo.

O artigo, intitulado *Duas moedas portuguesas raras*, não chegou, infelizmente, a ser publicado em vida, por razões que ignoro, presumindo que o Autor não procurou dá-lo à estampa por verificar (e com que mágoa!) o grande desinteresse por estes assuntos na época em que o escreveu — 1935-1936 (?) — segundo calculo, pois, apesar de não haver uma revista da especialidade, não desdenharia aceitá-lo, nas suas colunas, qualquer outra de carácter arqueológico que então via a luz da publicidade.

Entendo, e nesta sincera presunção sou, bem o creio, acompanhado por todos os genuínos cultores da «Res Numaria», que semelhante escrito não deve perdurar por mais tempo inédito.

E assim, gostosamente, e como saudosa homenagem, devidamente autorizado pela Excelentíssima Família do falecido numismatógrafo, publico-o hoje, antecedido de meia dúzia de palavras desvaliosas.

*

O Dr. Pompeu de Carvalho Mirabeau, cuja biografia já foi dada pela *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 17.º, nasceu na freguesia de S. Cristóvão de Coimbra, em 25 de Agosto de 1861, e era filho de Dona Maria Augusta de Carvalho Mirabeau e do Doutor Bernardo António Serra de Mirabeau, deputado, professor da Faculdade de Medicina e administrador do Hospital da Universidade de Coimbra. Terminando o bacharelato em Medicina na cidade natal, em 12 de Junho de 1883, iniciou a sua carreira pública como facultativo municipal do do partido médico de Castelo de Vide. Pouco tempo depois, a 2 de Junho de 1886, ingressava no Exército como cirurgião-ajudante, sendo colocado no Regimento de Lanceiros 1 (de Vítor Manuel). Em 15 de Novembro de 1894 foi colocado no Regimento de Infantaria 1, já como cirurgião-mor, transferindo-se posteriormente, no posto de capitão-médico, para o Regimento de Caçadores 4 e, em 1902, para o Batalhão de Caçadores 4. Como major, em 1911, foi nomeado sub-inspector dos Serviços de Saúde da 5.ª Divisão, seguidamente director do Hospital Militar de Coimbra (então provisoriamente em Elvas), em Junho de 1913

inspector interino dos Serviços de Saúde da 7.^a Divisão, cargo em que se tornou efectivo já com o posto de tenente-coronel, exercendo em em Julho de 1917, cumulativamente, o cargo de chefe da 5.^a Repartição da 2.^a Direcção Geral do Ministério da Guerra. Promovido a coronel em 17 de Setembro do mesmo ano, veio a ocupar sucessivamente os cargos seguintes: director do Hospital de Campolide em 15 de Fevereiro do ano seguinte, inspector dos Serviços de Saúde da 1.^a Divisão em 4 de Novembro de 1921 e inspector geral dos Serviços de Saúde do Exército em 22 de Setembro de 1922. Passou à situação de Reserva em 29 de Agosto de 1925, reformando-se em 4 de Setembro de 1931.

Constam da sua nota de assentos 3 louvores, com as datas de 2 de Dezembro de 1921, 9 de Agosto de 1924 e 29 de Agosto de 1925. O último, publicado na *Ordem do Exército* n.º 17 — 2.^a série, de 5 de Setembro de 1925, é de redacção sumamente honrosa «... pela superior competência profissional, inextinguível dedicação e extrema lealdade, manifestada não só no exercício de tão altos e importantes cargos, como no de todos os que exerceu na sua longa carreira militar na qual sempre evidenciou os mais elevados dotes de carácter, saber e patriotismo, sendo tais serviços considerados como extraordinários e importantes».

Tinha os Graus de Cavaleiro (Junho de 1902), comendador (?) — Janeiro de 1918 — e grande oficial (5 de Outubro de 1923) da Ordem Militar de Avis, e possuía a medalha de prata de comportamento exemplar (17-2-1903), medalha de ouro de comportamento exemplar (30-11-1917) e medalha militar de ouro da classe de bons serviços (Setembro de 1925).

*

De seu pai, o Doutor Bernardo António Serra de Mirabeau (1), herdou o ilustre biografado o gosto pela colecção de moedas. É o Dr. Mirabeau que, no prólogo do catálogo manuscrito da colecção, nos revela que seu pai começou a colecção em 1869. Em 1874 fazia o Dr. Serra de Mirabeau (2) a classificação do numofiláceo da Biblioteca

(1) Sobre o apelido *Mirabeau* leia-se a nota 3 do excelente artigo *Um coleccionador ilustre: O Doutor Pompeo de Carvalho Mirabeau*, da autoria do Dr. Pedro Batalha Reis, inserto no «Diário do Alentejo» de Beja, de 27 de Fevereiro de 1942.

(2) No *Dicionário Numismático (Subsídios para um)* — Castelo Branco, 1939, págs. 128-129, faço ligeira referência ao eminente professor e seguidamente a seu filho. O Dr. Serra de Mirabeau foi autor de várias obras sobre Medicina e sobre a História da Faculdade de Medicina de Coimbra.

da Universidade de Coimbra (1). Herdeiro da colecção paterna conservou-a e aumentou-a, melhorando-a consideravelmente, como mais de uma vez tive ocasião de observar, substituindo exemplares de deficiente estado de conservação por outros melhor conservados. Espécimes houve que foram substituídos três e quatro vezes! A este ponto levava o Dr. Mirabeau a ânsia de melhorar, como verdadeiro coleccionador e autêntico conservador (na vera acepção do termo) que foi da sua colecção. Posso, até, afirmar que esse era mais um motivo de orgulho da sua colecção, orgulho que não procurava disfarçar (e sabia-se quão modesto sempre era), quando se proporcionava aos visitantes percorrer os olhos extasiados pelos tabuleiros do belo monetário.

Tenho uma vez mais diante de mim o bem organizado catálogo manuscrito da colecção Mirabeau que se precede dum prólogo datado de Setembro de 1936 e que não transcrevo por o já ter sido feito quase integralmente pelo meu distinto confrade Dr. Batalha Reis (2). Por ele se verifica a existência de aproximadamente 1.900 exemplares assim distribuídos:

19 ibéricos (13 de prata e 6 de bronze); República Romana (220 *denários*); Império (1 *áureo* e 3 *soldos*; 50 *denários*; e 121 *grandes, médios e pequenos bronzes*); Pre-leovigildianos (2 *trientes*); visigodos (11 *trientes*); suevo-lusitanos (2 *trientes*); portugueses: 297 moedas de ouro (continentais e coloniais); 800 de prata e bilhão (continentais); 110 exemplares de cobre, bronze e níquel (continentais, incluindo ensaios); Ilhas (7 moedas de prata); Colónias africanas (22 moedas de prata); Colónia do Brasil (60 moedas de prata); Índia (54 moedas de cobre); Ilhas (18 moedas de cobre); Colónia do Brasil (36 moedas de cobre); Índia (41 moedas de cobre e calaim); e Colónias africanas (22 moedas de cobre),

que o Dr. Mirabeau apresenta muito bem descritos, referenciados, os portugueses, a Aragão e, os do Brasil Colonial, ao catálogo de Santos Leitão, valorizando-os seguidamente em dinheiro português, ou pela maior oferta que lhe tivessem constado ter obtido, ou pelo valor atribuído por Aragão, a par do valor em *florins* (com base em licitações nos leilões de J. Schulman).

Está fora dos meus propósitos fazer uma apreciação crítica do que foi um valioso monetário, por já, hoje, se tornar impossível ser ele observado pelos numismatas e coleccionadores, mas não fujo à tentação

(1) Opus. cit., pág. 31.

(2) In-artigo citado.

de destacar alguns exemplares dignos de nota, quer pela sua beleza, quer pela raridade, valor estimativo e invejável estado de conservação. Vejamos:

OURO

BÁRBAROS

— Os 2 *trientes* pre-leovigildianos citados, um dos quais com a legenda SVRRVNIII TAVRRVS, que suponho ser do grupo ou tipo CVRRV ou CVRV (1), tão discutido, lendo-se portanto CVRRVNIII TAVRRVS; e os 2 *trientes* suevo-lusitanos, igualmente mencionados.

PORTUGUESES (continentais e coloniais)

Morabítimo de D. Sancho I; *Cruzado* de D. Afonso V com o nome do soberano nas duas faces; *Português* de D. João III, variante de Aragão n.º 2; *S. Vicente* e *Meio S. Vicente* do mesmo monarca, o primeiro variedade de Aragão n.º 7 e o último do tipo de Aragão n.º 8; *500 Reais* de D. Sebastião com $\dot{P} - \ddot{O}$; *Quatro Cruzados* de D. João IV, de 1642; *Moeda* de 1678, *Meia Moeda* da mesma data e *Quarto de Moeda* de 1679, da D. Pedro, Príncipe; *Dobra de 8 Escudos* de 1725, Lisboa, de D. João V; vários *Dobrões* e *Meios Dobrões*; várias *Peças de jarra*; *Degoladas*, etc., além das moedas de 4.000 réis e 1.000 réis de D. José I, de 1755, para Moçambique e uma série de indo-portugueses.

BILHÃO

PORTUGUESES

Dinheiro (2) de D. Afonso I, idêntico ao do Aragão n.º 4; várias *Barbudas* de Milmanda, 1 *Grave* e um *Pilarte* da mesma localidade; *Grave* de Tui; *Meia Barbuda* da Corunha; e *Meio Tornês* de busto da dita cidade galega, de D. Fernando, etc..

PRATA

PORTUGUESES

O *Tornês* de Çamora raríssimo, de D. Fernando, primeiro objecto do seu estudo inédito; *Real de 9 dinheiros* de D. João I como Regedor e Defensor do Reino, idêntico ao descrito por Aragão (n.º 3); *Meio Real* do

(1) Estas moedas têm sido até agora um verdadeiro mistério para os especialistas. Têm-nas estudado os numismatas português Tenente-Coronel Elias Garcia, espanhóis Filipe Mateu y Llopis e Juan Cabré e austríaco Eng.º Wilhelm Reinhart.

(2) Vide o artigo citado do Dr. P. Batalha Reis.

mesmo soberano, também como Regedor e Defensor do Reino, exactamente metade do anterior, e segundo objecto do seu estudo inédito; e um raríssimo *Real de 6 dinheiros*, ainda de D. João I; de D. Afonso V: *Real grosso*, variedade de Aragão n.º 6; *Real Grosso* cunhado no Porto; *Real de 11 dinheiros e 4 grãos* com as armas de Leão e Castela; outro exemplar semelhante com L sobre as armas, extremamente raro; e 2 *Chinfrões* do Porto, ainda daquele rei; 3 *Cinquinhos* de D. Manuel I; *Meio Tostão* híbrido de D. Manuel e D. João III; e 2 exemplares de *Vinténs*, também híbridos e dos mesmos monarcas; 2 *Cinquinhos* de D. João III; *Meio Tostão* de D. Sebastião, tipo Aragão n.º 19, com os carimbos do Açor e 75 coroados; *Vintém* de D. Henrique; *Cruzado* de D. António I, variedade de Aragão n.º 7, com as armas cortando a legenda; *Tostão* de Angra com o carimbo do Açor; outro exemplar sem carimbo; *Meio Tostão* (Aragão n.º 10) e *Vintém* também de D. António; 2 exemplares de *Tostão* de Filipe I com a legenda PHILIPPVS: I; e *Meio Tostão* com a mesma legenda; 2 exemplares de *Vintém* híbrido de D. Sebastião e Filipe II; de D. João IV: uma Conceição em impecável estado de conservação; *Meio Cruzado* de D. Afonso VI, tipo Aragão n.º 4, cunhado em Évora; *Quatro Vinténs* com a contramarca 100; e 1 ensaio de uma moeda de 1.000 Réis ouro de 1666, sobre o averso de *Meio Tostão* da segunda série, do mesmo soberano; de D. Pedro—2.ª série como Príncipe: *Cruzados* de 1681 e 1682; *Meio Cruzado* de 1681; *Tostão* da mesma data, considerado ensaio; e *Dois Vinténs* com PETVS e 679, considerado igualmente ensaio monetário; D. Pedro II com coroa de Príncipe: *Cruzado* de 1683; e *Meio Cruzado* de 1684; *Cruzados* de 1707 e 1708 e *Meio Cruzado* de 1707, de D. João V; e *Seis Vinténs* e *Três Vinténs* de D. Pedro IV.

MOÇAMBIQUE

800 e 400 Réis de 1755, de D. José I; e uma bonita série

INDO-PORTUGUESA:

COBRE E BRONZE

PORTUGUESES

2 exemplares de *Real* com R e 1 *Real* com M de D. Manuel I; *Dez Reais* de D. João III com o carimbo de Açor (Aragão n.º 47); *Dez Reais* (Aragão n.º 27) e 2 exemplares de *Cinco Reais* (Aragão n.º 29) de D. Sebastião, ambos com idêntico carimbo; 3 exemplares de *Quatro Reais*, 2 de *Dois Reais* e *Real* de D. António I; de D. Pedro como Príncipe e coroa real: os ensaios de 1683 — *Dez*, *Cinco* e *Três Réis* e *Real e Meio*; de D. Pedro II: os ensaios de 1688 — *Cinco Réis* e *Real e Meio* (este, extremamente raro); 2 exemplares de *Dez Réis* de 1749 (1) de D. José I, curiosos pela anomalia da data; de D. Maria I e de D. Pedro III: *Três Réis* de 1777 com o carimbo 5; de D. Maria I: *Cinco Réis* de 1799 (?) com o carimbo 10; D. João P. R.: *Dez Réis* de 1812, 2 exemplares carimbados com escudete; *Cinco Réis* de 1799

e outro de 1812, ambos híbridos, o primeiro com anverso de D. João e reverso de D. Maria I e o segundo com o anverso de D. Maria I e reverso de D. João; ensaio em bronze de *Vintém* de 1811 (modelo maior); D. João VI: *Vinte Réis* e *Cinco Réis* de 1800 e *Cinco Réis* de 1801 (esta, moeda raríssima); *Dez Réis* de 1820, ensaio monetário extraordinariamente raro com as legendas DECUS ET TUTAMEN e TUETUR ET ORNAT; e os ensaios belgas de *20, 10 e 5 Réis* (Aragão n.ºs 14, 15 e 16) de D. Luís I.

AÇORES

Três Réis de 1750, de D. José I, à flor do cunho.

MADEIRA

Cinco Réis de 1750, de D. José I, 2 exemplares.

BRASIL

V Réis de 1749, de D. João V, para o Maranhão.

ÍNDIA

Uma regular série que é acompanhada por outra de calaim, realçando na primeira um espécime com a cruz de Cristo no anverso e, verosimilmente, uma esfera no reverso, que no catálogo se atribui a D. Manuel I e se classifica de *Meio Real*, e da qual me não recordo.

*

Apesar de a Numismática ter sido, como muito bem diz o Dr. Batalha Reis ⁽¹⁾, «nos últimos anos, depois de aposentado, o melhor entretenimento, a mais absorvente ocupação de espírito, do ilustre coleccionador», pouco escreveu. E é lamentável que isso tivesse acontecido, pois o grande numismata, dedicando-se profundamente aos obscuros problemas da numária de D. Fernando e de D. João I, grandes novidades, e quiçá a chave de problemas ainda insolúveis, que se prendem umbilicalmente à história monetária e à metrologia fernandinas e joaninas, nos teria proporcionado. No seu estudo inédito versa exactamente os temas que lhe eram queridos, a propósito do aparecimento de dois exemplares argênteos raríssimos que, por último, vieram enriquecer o seu já precioso medalheiro. Publica-se seguidamente e os leitores, melhor do que eu, aquilatarão o real valor deste seu escrito, que o falecido Autor apresentava em forma de comunicação ao res-

(1) In-artigo citado.

trito (1) mundo numismático de há 5 lustros. No seu final ecoa ainda um grito de alarme contra o escoamento das boas colecções nacionais para além-fronteiras o qual, como foi bem notório, se fez sentir em toda esta primeira metade do século,

Em letra de forma apenas nos deixou o artigo *Algumas considerações sobre moedas de D. Afonso V, e de um achado monetário que teve lugar em Elvas no ano de 1907* que se inseriu no *Arquivo Transtagano* de Elvas — Ano V — 1938, no fascículo I, de 15 de Maio, o derradeiro desta interessante revista regionalista, de que foi director, editor e proprietário o falecido publicista elvensê António José Torres de Carvalho. Nele se historia o célebre achado da Rua de Alcamim, constante de inúmeras numismas de D. Afonso V e espanholas, de que grande parte enriqueceu certas colecções nacionais (principalmente em Elvas, Portalegre e Vila Viçosa) e outra, segundo se presume (2), escapou pela fronteira próxima, e se burilam judiciosas considerações sobre as moedas do Africano.

*

Falecido, como disse, em 6 de Agosto de 1940, em Lisboa, a sua colecção foi vendida a Almeida, Limitada, da capital, em 1941 (ano em que esta casa de câmbio, com secção de comércio numismático, se transformou na casa bancária Almeida, Basto & Piombino & C.^a), após avaliação feita por mim.

Ao Dr. Pompeu de Carvalho Mirabeau havia eu dedicado em 1938 o meu opúsculo *Numismática de alguns soberanos portugueses que cunharam moeda no estrangeiro* (3), o que constituiu a minha primeira homenagem, em vida, ao insigne médico militar e consagrado numismólogo. Sirvam estas palavras descoloridas, que antecedem o seu brilhante artigo, de primeira homenagem à sua memória augusta.

(1) Como já atrás salientei o Dr. Mirabeau viveu numa época de grande desinteresse por estes problemas. Ele próprio, no prólogo do catálogo, observa que o número de colecionadores diminuiu de 1900 em diante (escrevia em 1936) e que muitas colecções portuguesas desapareceram, vendidas lá fora, mormente por J. Schulman, de Amsterdão, o qual, delas, nos deixou preciosos catálogos.

(2) Na época fizeram-se diligências em Badajoz e o achador foi preso em Elvas, de regresso daquela cidade da Extremadura espanhola, onde tinha vendido, ao que se supõe, bastantes exemplares. Das moedas apreendidas em Badajoz e ao achador vieram a formar-se três lotes. Não repugna acreditar que muitas das moedas, entradas ilícitamente em Espanha, não tornaram a voltar. De certeza sabe-se que muitos exemplares não saíram do país e não chegaram a ser apreendidos!...

(3) Impresso em Castelo Branco.